



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

MARIA LUIZA TAVARES SILVA

**SENTIDOS DO SOFRIMENTO:
RELATO DE EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA
DE EDITH STEIN**

**CAMPINA GRANDE – PB
2018**

MARIA LUIZA TAVARES SILVA

**SENTIDOS DO SOFRIMENTO:
RELATO DE EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA
DE EDITH STEIN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento
às exigências para obtenção do título em
Bacharelado e Licenciatura em Psicologia.
Área de concentração: Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos

**CAMPINA GRANDE – PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586s Silva, Maria Luiza Tavares.
Sentidos do sofrimento [manuscrito] : relato de experiência na perspectiva fenomenológica de Edith Stein / Maria Luiza Tavares Silva. - 2018.
35 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos ,
Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."
1. Sofrimento. 2. Fenomenologia. 3. Edith Stein. I. Título
21. ed. CDD 150

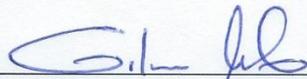
MARIA LUIZA TAVARES SILVA

SENTIDOS DO SOFRIMENTO:
RELATO DE EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA
DE EDITH STEIN

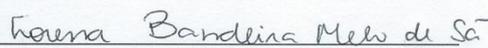
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento
às exigências para obtenção do título em
Bacharelado e Licenciatura em Psicologia.
Área de concentração: Psicologia.

Aprovada em: 27/11/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Lorena Bandeira de Melo Sa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Jorge Dellane da Silva Brito
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“O desaparecimento do mundo sensível é como o cair da noite, quando ainda resta uma luminosidade crepuscular, resquício da claridade diurna. Mas a fé é como a escuridão da meia-noite, porque neste ponto acham-se apagados não só a atividade dos sentidos, mas também entendimento natural da razão. Quando, enfim, a alma encontra o próprio Deus, é como se rompesse em sua noite a alvorada do dia da eternidade.”

Edith Stein, 2014, p.46.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me amou primeiro e despertou todo desejo de vida! À doce e sempre Virgem Maria, a Porta do Céu que intermediou desde minha concepção, todo meu sustento. Também a intercessão de São João Paulo II e Santa Teresa Benedita da Cruz, e também São José de Cupertino aos quais recorri durante a produção desse trabalho. Bem mais do que um trabalho de conclusão de curso, esta foi uma oportunidade de amar a Deus e fazê-Lo amado.

Agradeço à minha mãe, Luiza, inspiração e motivação diária, mulher admirável que de fato “me transmite a vida”, ao meu pai, minhas irmãs Maria Cecília e Maria Clara. Quando os laços de sangue são os mesmos que os laços do Espírito, é assim, belo. Vocês me fazem transbordar! Obrigada por todo cuidado e paciência.

Agradeço a toda família extensa, torcida e expectativa do meu sucesso pessoal e acadêmico.

Agradeço à família espiritual, o Shalom, os meus irmãos de célula Mãe de Misericórdia, e todos os amigos - inumeráveis formas de cuidado de Deus para comigo - que por mim rezam e comigo se alegram.

Deus é bom o tempo todo, e de todo modo demonstra sua bondade. Através dos meus colegas de curso, especialmente a “patotinha da logo” Deus me permitiu muito. Pedro, Rayssa, Andreza e Raquel, nosso supervisor e meu orientador, Gilvan, obrigada! E a tantos que na jornada acadêmica marcaram minha vida, obrigada!

Agradeço pelo espaço sempre aberto e tão rico em vida e aprendizagem, à Casa de Apoio ISMI SOCIAL, na pessoa de Charles e a todos os acompanhantes que dividiram comigo suas vidas, sofrimentos e sentidos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 O PARADIGMA FENOMENOLÓGICO.....	8
1.1 UMA ATUAÇÃO FENOMENOLÓGICA NA PSICOLOGIA	10
1.2 A FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN	12
1.3 O FENÔMENO DO SOFRIMENTO	15
2 RELATOS DE EXPERIÊNCIA.....	17
2.1 ESPAÇO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
2.2 DISCURSOS DOS ACOMPANHANTES	19
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31
ANEXOS.....	33

**SENTIDOS DO SOFRIMENTO:
RELATO DE EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA
DE EDITH STEIN**

Maria Luiza Tavares Silva¹

Resumo

O trabalho em formato de relato de experiência, consiste em leituras e percepções de uma prática voluntária, de grupo terapêutico comunitário em uma casa de acolhimento para os acompanhantes de pacientes graves e gravíssimos do Hospital de Trauma de Campina Grande, na Paraíba. Sendo assim, esta produção se propõe a apresentar a atuação do psicólogo em contexto de eminente sofrimento a partir do olhar oferecido pela fenomenologia de Edith Stein (1891-1942). Isto é, um novo olhar a direcionar a atuação do psicólogo, como base no fenômeno como ele se manifesta, na situação específica e na história de cada pessoa que vivencia este tipo de sofrimento. As contribuições de Edith Stein, filósofa alemã do século XX e discípula Husserl, apresenta um legado em relação à compreensão ontológica, à empatia, ao processo de educação, à construção do ser pessoa e do ser comunidade, ao sentido da finitude e do sofrimento. Na ciência psicológica, oferece profundas reflexões acerca da existência e do sofrimento humano, com uma correlação estreita com a Logoterapia de Viktor Emil Frankl (1905-1997). Foi possível verificar, a partir de cada experiência, que havendo causas diversas do sofrimento humano, ainda mais diversas são as possibilidades de sentido que tais circunstâncias reservam às pessoas que as experienciam, e a atuação do psicólogo é fundamental para a descoberta e vivência dessa capacidade de transcender à dor, dentro de sua liberdade.

Palavras Chaves: Sofrimento. Fenomenologia. Edith Stein.

INTRODUÇÃO

Na história da humanidade, o sofrimento se fez presente, decorrente de vários fatores: guerras, pobreza, pandemias, violência (no seu mais completo termo), fome, etc. As circunstâncias históricas modificam-se, como enredo para a história individual de cada pessoa que carrega a missão de escrevê-la.

Curioso é perceber o sofrimento inevitável ao ser humano, como ocasião que reclama deste uma resposta. Constitui-se, então, um desafio a ser transposto pela decisão em entregar-se passivamente ou assumir ativamente a luta por algo ou alguém digno desse sofrimento,

¹ Graduanda em Bacharel e Licenciatura em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba
E-mail: marya_luyza_@hotmail.com

dentro da liberdade e transcendência que o constitui. Esta é uma visão substancialmente sustentada pela Logoterapia e Análise Existencial, propostas por Viktor Emil Frankl (1905-1997), psicólogo, médico e filósofo, de origem judaica.

Nas mais diversas situações e ambientes em que o sofrimento permeia a vida humana, seja em uma vivência pessoal ou comunitária, há a possibilidade de atuação do psicólogo. Disto decorre a importância de se deter e aprofundar a lida com o sofrimento ao que se propõe primeiramente este trabalho. Avançando à visão de que este deve ser eliminado a todo custo, antes, como as demais vivências humanas, o sofrimento resguarda a complexa dignidade da vida humana, e compreende também uma oportunidade de realização.

Sustentada pelos mais variados paradigmas, a psicologia tem recorrido à compreensão deste fenômeno especificamente humano. Durante a graduação de Bacharelado e Licenciatura em Psicologia, pudemos percorrer caminhos diversos em direção ao aporte para a atuação, e a fenomenologia enquanto paradigma filosófico, à longa data, revela-se fecunda para a prática psicológica. Especificamente, quanto às contribuições de Edith Stein, filósofa e teóloga do séc. XX e discípula Husserl, embora ainda não tão explorada, a sua fenomenologia deixa um

legado em relação à compreensão ontológica, à empatia, ao processo de educação, à construção do ser pessoa e do ser comunidade, ao sentido da finitude e do sofrimento humano.

Sabe-se que poucos autores se enveredaram em estudar as contribuições steinianas para a psicologia. Entre eles: Silva (2011), com sua tese de doutorado, contribuiu para uma compreensão a partir da fenomenologia de Edith Stein, da Saúde mental no contexto da Estratégia Saúde da Família; Silva & Cardoso (2013) publicaram um artigo na Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental sobre as contribuições da fenomenologia de Edith Stein para a atuação do psicólogo nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF); Mahfoud & Massimi (2013), escreveram um livro sobre a psicologia e a educação, fruto de pesquisas e estudos aprofundados dos autores dos diferentes capítulos que expõem os estudos de Edith Stein sobre a pessoa e sua formação; Cardoso & Massimi (2013), através de um artigo, apresentaram as contribuições de Edith Stein para a fundamentação filosófica da Psicologia enquanto ciência rigorosa da subjetividade; Carneiro (2016), em sua tese de doutorado, apresentou o resultado de uma pesquisa realizada em uma cidade de Salvador (BA); o estudo baseou-se na Fenomenologia de Edith Stein, apresenta uma compreensão das vivências fundamentais de pessoas que vivem em um contexto marcado pela violência, bem como suas repercussões em seu processo formativo; Carneiro & Antúnez (2017), com um artigo publicado na revista *Filos*, apresentaram as contribuições gerais de Edith Stein para a psicologia; Mahfoud & Juvenal (2017), por fim, publicaram uma

compilação rica de diálogos com Edith Stein nos campos de conhecimento da filosofia, psicologia e educação.

Apesar desta quantidade de trabalhos publicados, a decisão por esse tema, e abordagem, portanto, deu-se em meio ao desafio de apresentar a obra de Edith Stein em língua portuguesa, ainda pouco explorada. Também contribui para ampliar estudos sobre as contribuições steinianas no campo da ciência psicológica, ainda pouco desenvolvidos.

Em relação à estruturação do texto apresentado, após a explanação do aporte teórico, a saber: o paradigma fenomenológico, uma atuação fenomenológica na psicologia, a fenomenologia de Edith Stein e o fenômeno do sofrimento, o trabalho segue com a exposição de um relato de experiência, com as leituras e percepções dela decorrentes; dando sequência a apresentação das discussões e resultados e, por fim, as conclusões a que chegamos. Tal relato de experiência consta de uma prática voluntária, de terapia comunitária numa casa de acolhimento, e se propõe a apresentar a atuação do psicólogo em contexto de eminente sofrimento a partir do olhar oferecido pela fenomenologia de Edith Stein. Isto é, um olhar novo a direcionar a atuação do psicólogo, como base no fenômeno como ele se manifesta, na situação específica e na história de cada pessoa que vivencia o sofrimento.

1 O PARADIGMA FENOMENOLÓGICO

Para iniciarmos a discussão embasadora deste trabalho partiremos da compreensão do paradigma² da *fenomenologia*. Concepção criada pelo filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938), ficou conhecida pelo célebre objetivo de “voltar às coisas mesmas”. “Retornar às coisas mesmas significa retornar onde elas são vividas e onde elas cobram sentido para a vida e para a existência” (JOSGRILBERG, 2004, p. 34). Trata-se, sobretudo, de não adotar rigorosamente conceitos, teorias, e técnicas sem vínculo com a subjetividade como se dá nas ciências empíricas. A fenomenologia de Husserl inaugura assim um novo paradigma, onde o conhecimento acontece na nossa abertura para o mundo e a motivação para o conhecimento

² Como sugere Josgrilberg (2004), paradigma é entendido aqui como corrente na epistemologia científica, que compreende ao conjunto de princípios gerais e teóricos aceitos, que fornecem um padrão de investigação de uma comunidade científica e que são ensinados como necessários para o avanço da ciência. Cf: Rui de Souza Josgrilberg, A fenomenologia como novo paradigma do existir, Vetor, 2004.

não advém do resultado empírico, mas da existência³ para viver o mundo e as coisas que antecedem à necessidade de causa e efeito (SANTOS & POKLADEK, 2004).

O enredo histórico da palavra fenomenologia, não obstante, a revela como inspiração dos filósofos gregos pré-socráticos, século VI a.C, na palavra *phaenomenon*, que se refere àquilo que se mostra, a relação humana com aquilo que parece. O objeto da fenomenologia envolve essa relação eu-mundo, considerando o mundo por meio dos sentidos e de suas estruturas (JOSGRILBERG, 2004). Isso porque toda relação homem-mundo começa pela percepção, ou seja, pelos sentidos, e o homem busca o sentido daquilo que se mostra por ter capacidade reflexiva. Essas são as perguntas norteadoras feitas por Husserl: “Como se mostra? O que é o ser humano? Como conhecê-lo? A fenomenologia é, contudo, uma atitude de reflexão do fenômeno que se mostra para nós, na relação que estabelecemos com os outros, no mundo”. (POKLADEK, [s.d] apud www.psicoethos.com.br, 2018).

A fenomenologia a partir de Husserl consiste num método que passa por dois pontos iniciais: a via negativa e a positiva. A primeira propõe uma *epoché*, suspensão de juízo, para analisar a coisa como é conhecida, como aparece ao sujeito. A segunda é o movimento próprio de dirigir-se à coisa após essa suspensão (CARUZO, 2014).

A fenomenologia, portanto, fomenta uma análise da experiência tal como se manifesta, à medida que o conhecimento é essencialmente intencional. O legado fenomenológico, no entanto, ultrapassa o método, fomenta o nascimento de uma nova filosofia, com impactos importantes em diversas áreas do conhecimento, em especial nas ciências sociais e da saúde.

Como crítica direta ao idealismo e ao positivismo, a fenomenologia defende, como exemplificada por essa máxima husserliana na qual “toda consciência é consciência de algo”, que a relação sujeito/objeto é concomitantemente o fenômeno primeiro, sem que haja um sujeito separado de objeto. As obras tardias de Husserl tratavam dessa intencionalidade sob o aspecto absoluto, nos polos subjetivo e objetivo, e essa seria a fonte e origem constitutiva do ser que tem sentido, enquanto dá sentido ao mundo (MONDIN apud CARUZO, 2014). A intencionalidade da consciência é, pois, uma proposição da fenomenologia de Husserl, como assim descreve Mauro (2009, p, 94):

Normalmente ouvimos falar de “redução de” alguma coisa. Redução dos juízos de realidade ou valor, equivalendo a colocar entre parênteses esses juízos. Mas o certo seria falar de “redução a”: redução ao que imediatamente se apresenta. A isso que

³ Aqui tomamos a noção heideggeriana de existência: abertura que fornece estruturas de interpretação mais radicais de que dispomos, e pelas quais podemos interpretar o mundo, a história, e a nós mesmos. Cf: Rui de Souza Josgrilberg, A fenomenologia como novo paradigma do existir, Vetor, 2004.

se apresenta chamou-se fenômeno. Um retorno às coisas mesmas na linha da atitude natural seria o equivalente à introspecção, ou seja, um olhar para dentro de si procurando o que existe “na” consciência. Na fenomenologia essa volta seria muito mais à consciência como ato do que à consciência como lugar. O que aparece, então, é a característica de autotranscendência da consciência: a intencionalidade.

Logo, a fenomenologia apresenta-se como um modo de se fazer filosofia. Também um método entre outros possíveis, por onde se caminha de uma maneira própria, e então se chega a conclusões que somente o modo fenomenológico de pensar poderia chegar. Nesse sentido, a fenomenologia é também um paradigma. E partimos dele para compreendermos a experiência relatada neste trabalho, bem como, sua fundamentação.

1.1 Uma atuação fenomenológica na psicologia

Com a fenomenologia, Husserl pretende superar as epistemologias realistas e idealistas, e é nessa superação que se encontra a gênese do projeto fenomenológico. Essa tentativa se faz presente também nas chamadas perspectivas fenomenológico-existenciais na psicologia, quando pretendem investigar as temáticas existenciais ou as vivências humanas, não como substâncias que sustentam as determinações em si mesmas, nem como determinações de uma interioridade psíquica, mas como atos que se constituem na “cooriginariedade”⁴ homem-mundo. (FEIJOO & MATTAR, 2014)

A fenomenologia reage à necessidade de saber do ser humano. No campo da psicologia, pode-se dizer que a ciência mediu a inteligência, mas quando Binet foi questionado sobre o que era inteligência, ele teria respondido que era o que seus testes mediam. Opondo-se à este velho paradigma, propõe Husserl:

(...) A ciência faz muitas afirmações sobre a realidade, mas ela não sabe o que é essa realidade. Foi-se perdendo o sentido da realidade (...). Interessado em encontrar um caminho para se chegar a esse sentido esquecido, para além da ciência convencional [Husserl propôs]: uma reflexão que resgatasse a experiência comum, que dissesse de que a ciência está falando e como é essa realidade que se nos apresenta. Isso não podia ser feito em laboratórios, pois envolve o ser humano e sua produção de significados (GAUQUELIN apud MAURO, 2009, p. 94)

Quando se percebe que “a fenomenologia favoreceu o encontro rigoroso com a subjetividade, de forma evidente e apodítica” (GOTO, 2008, p. 212 apud FEIJOO E

⁴ O termo expressa a concomitância da origem das temáticas existenciais na relação homem e mundo, conforme o fundamento do paradigma fenomenológico, no qual não se concebe que haja um sujeito separado de objeto. A intencionalidade é tida como aspecto absoluto, a partir do que é possível ver homem como o ser que tem sentido, enquanto dá sentido ao mundo.

MATTAR, 2014), abre-se para a psicologia o mesmo caminho de acesso direto à subjetividade enquanto tal e, assim, retoma-se o sentido da existência como motivação originária. Vê-se definida a principal tarefa da fenomenologia como o esclarecimento mesmo do pensamento humano, qual o alcance do conhecimento, como são os atos da consciência, como se apresenta o mundo (MAURO, 2009). Além disto, são assistidos pelo posterior movimento fenomenológico, vários outros aspectos da experiência humana, a saber:

Heidegger (1995) voltou-se para o esclarecimento do ser e da existência; Scheler (1994) abordou os valores; Merleau-Ponty (1942/1972), o comportamento humano; Jaspers (1913/1979) inovou a visão da psicopatologia; Buber (1977), embora não fizesse parte do grupo original, descreveu fenomenologicamente o encontro humano. (MAURO, 2009, p. 96)

Quando a fenomenologia se debruça aos fenômenos humanos, como a imaginação, a percepção, a linguagem, ela se aproxima dos mesmos objetos da psicologia. Nesse sentido, a fenomenologia é uma reflexão sobre a realidade da qual a psicologia também se ocupa. Fazendo isso, a fenomenologia está ao mesmo tempo manifestando os fundamentos dessa psicologia e refletindo sobre seus limites: constitui-se, pois, também como uma espécie de instância crítica da psicologia. Logo, nos fenômenos humanos o interesse da fenomenologia instrumentaliza um fazer psicológico. Isso acontece no decorrer de três momentos segundo Feijoo e Mattar (2014). São eles: adotar a atitude fenomenológica para então encontrar o fenômeno que interessa estudar e, através do processo de variação livre da imaginação para determinar sua essência, por fim, descrever cuidadosamente a essência da descoberta.

Ocorre ainda que os desdobramentos da fenomenologia revelam-se úteis até mesmo no interior do próprio fazer psicológico, e por esse caminho acabaram construindo um saber próprio, voltado para o campo profissional dos psicólogos. Tal saber nasce no interior da filosofia e consiste em elaborações teóricas e práticas sobre os modos de ser humano, baseadas na reflexão da experiência pelo caminho proposto pela fenomenologia. Binswanger (1946/1971, 1956/1977), Boss (1975) (inspirando-se em Heidegger), Frankl (1989) e muitos outros, aplicaram esse saber ao campo da psicoterapia. Esses desdobramentos, portanto, constituem o que cabe na expressão “psicologia fenomenológica”, indo além da filosofia de Husserl, caminhando na aplicação em um campo teórico-prático para esta.

Ainda dispomos, nesse movimento que se constrói e se exerce a partir do interior da própria psicologia enquanto um fazer científico, uma prática fenomenológica no contexto da psicologia humanista: elucidação do vivido baseada na consideração de experiências concretas e situadas, conduzindo a uma compreensão teórica que possibilite lidar melhor com

o fenômeno. Pode-se dizer que além da fenomenologia como caminho filosófico propriamente dito, existe uma psicologia que consiste em um desdobramento filosófico fenomenologicamente conduzido na direção dos assuntos que interessam à ciência psicológica, ou simplesmente ao viver humano - e que poderia também ser denominada de psicologia fenomenológica. Uma psicologia voltada para o vivido, ligada à experiência, podendo ser evocada a partir da reflexão; um saber inspirado na fenomenologia, mas que se exerce no interior da psicologia, a partir de um depoimento experiencial depois trabalhado de forma sistemática nos moldes de procedimentos científicos.

1.2 A fenomenologia de Edith Stein

Edith Stein foi uma figura singular da filosofia do século XX, a quem atribui-se legado teórico extenso e consistente no que diz respeito à busca pela verdade e pelo o que consiste a essência do ser. Edith Theresa Hedwing Stein (1891-1942), tem sua história marcada pelas duas grandes guerras. Isto é, atravessou períodos de profunda desordem sociopolítica e ideológica da Europa, bem como, período de rica produção científica na direção de compreender o mundo sensível. Após sua chegada em Göttingen, participou do círculo fenomenológico, juntamente com Martin Heidegger e Max Scheler, em identificação com seu mestre Edmund Husserl – quem a orienta na sua tese de doutorado sobre o Problema da Empatia. Já em Friburgo, ela que é de família judaica, passa pela experiência de conversão ao catolicismo, mediante a leitura do Livro da vida, de Santa Teresa de Ávila, o que lhe muda toda a existência, e produção filosófica. Entra para o Carmelo nos últimos anos de sua vida, onde assume na vida religiosa de clausura o nome de Teresa Benedita da Cruz. Morta na câmara de gás pelo regime nazista, foi reconhecida como mulher de insistente e feliz busca pela verdade, canonizada em 1998 pela igreja católica (Cf: SANTANA, 2017).

Stein oferece grandes contribuições para áreas diversas do conhecimento como a pedagogia, teologia, psicologia, além da própria e fundamental filosofia, disciplina da qual foi uma das primeiras mulheres a receber o título de doutora. Vale-se durante toda sua vida do método fenomenológico de Husserl; e retira do tomismo os pressupostos para que o fenômeno da cruz (símbolo do sofrimento humano) seja ponto de partida para uma reflexão filosófica. Seu legado teórico hoje flui de maneira crescente no Brasil e no mundo, tendo um plural alcance nas ciências sociais e da saúde.

A autora criticou as antropologias filosóficas de sua época, e se propôs a conceber a unidade complexa que é a pessoa humana, recorrendo à fenomenologia anti-reducionista de

Husserl. Sendo assim, a postura fenomenológica e a perspectiva aristotélica-tomista foram as bases epistemológicas da autora que fornece as lentes para o olhar psicológico desse presente trabalho. A obra de Edith Stein mantém extraordinariamente viva a lição de Husserl acerca da empatia, sustentando uma postura de estudo dentro de uma relação viva, onde um eu busca a essência de um tu (BRUZZONE, 2014).

A proximidade de Edith Stein com a psicologia se evidencia desde a época em que era estudante universitária em Breslau, quando participou dos seminários de William Stern (1871–1938), em busca de uma investigação científica da subjetividade, mas acabou se deparando com o estudo restrito às sensações corpóreas e daquilo que era possível captar a partir do método experimental, sem conseguir acessar o espírito humano (CARNEIRO & ANTÚNEZ, 2017). Stein encontra na fenomenologia de Edmund Husserl seu caminho investigativo, mas isso não lhe distancia. A este respeito Stein (apud CARNEIRO & ANTÚNEZ, 2017) afirma reconhecer os esforços da psicologia em esclarecer o conceito de psíquico, tema pelo qual também se interessa e o faz dentro de importante debate à época afirmando a “insuficiência do modelo de causalidade da física para a compreensão dos fenômenos da interioridade e entende que para investigar a natureza da causalidade psíquica é necessário ir à raiz do fenômeno” (CARNEIRO & ANTÚNEZ, 2017, p. 780). Ainda a esse respeito, posiciona-se e orienta a atitude científica⁵:

Não interrogar a teoria sobre as coisas, deixar fora o quanto seja possível o que se tem ouvido ou lido e as composições de lugar que a gente mesmo fez, para, melhor aproximar-se das coisas com um olhar livre de prejuízos e beber da intuição imediata. (...) O ato em que se capta a essência é uma percepção espiritual, que Husserl denominou intuição. (STEIN, 2007, p. 33, tradução minha)

Ela parte da compreensão do ser humano como um ser psicofísico formado por um corpo, no qual está sua alma (impulsos psíquicos) e seu espírito (razão). Na concepção antropológica de Edith Stein, o homem é um ser ético, capaz de atribuir valor ao mundo, fazer escolhas e formar uma comunidade cultural. Diante dessas características, o ente humano se difere do mundo animal, visto que este último é movido por impulsos instintivos, sendo incapaz de escolher e atribuir valores éticos ao mundo (SANTANA, 2017). A antropologia filosófica de Edith Stein, ainda, entende a pessoa humana como figura individual, mas também vinculada a uma estrutura social, ou seja, uma pessoa inserida em uma comunidade.

A pessoa humana, contudo, é o centro de interesse do estudo steiniano, e por meio da análise sobre a empatia - como um ato de conhecimento do outro - na sua tese de doutorado, a

⁵ Trecho por mim traduzido do espanhol para o português.

filósofa inaugura o ponto de partida nas suas reflexões acerca da pessoa humana. Nesta análise, Stein se dá conta da constituição da totalidade do ser, pois, para que ocorra a empatia, é preciso que haja um corpo, uma alma e um espírito, ou seja, um indivíduo completo.

O ser humano individual concreto, na teoria steiniana é um todo que não se reduz à soma de suas partes e, como pessoa, faz parte de um todo maior constituído de família, comunidade, sociedade. É, ainda, um todo constituído por uma co-presença de corpo, alma e espírito. Os limites desse todo não coincidem com os limites da pele. Por outro lado, nunca é todo acabado, sempre está a caminho ou em desenvolvimento físico, psíquico e espiritual. Para Stein o ser humano se encontra a caminho, no qual entram em jogo a herança biológica e o dinamismo cultural, e sobre os quais responderá com liberdade.

A antropologia filosófica steiniana propõe-se também a desenvolver a ideia do ser humano como fundamento da ciência do exercício pedagógico, o que por sua vez não conseguirá abordar de modo completo e exaustivo todos os elementos da sua concepção antropológica. Entretanto, renderá viés de conhecimento eficaz, inclusive para a ciência psicológica.

Partindo da ideia de pessoa como um ser espiritual e livre, Stein afirma que o espírito é o elemento distintivo da pessoa. Rosa e Silva (2015) explicam a visão steiniana:

Pessoa exige espiritualidade. Nesse sentido, enquanto pessoa, o homem é um ser espiritual, em cujo espírito há algo peculiar: um centro a partir do qual ele se pertence plenamente, está em si, pode entrar e sair de si mesmo. Tendo em vista sua espiritualidade, a pessoa humana pode entrar no mundo que se manifesta a ela sem que ela perca nada de si mesma. O ser pessoa traz consigo, nessa espiritualidade que se traduz em interioridade, o dom de possuir-se e de poder se conhecer. Portanto, a pessoa possui compreensão e liberdade. (p. 93)

Enquanto corporeidade o homem pode se perceber por meio das sensações, como, por exemplo, quando ele sente frio ou experimenta a sensação de dor. Stein concebe uma imagem positiva do corpo. Ele é o que define a pessoa, é a fonte de vida espiritual, ou seja, tudo o que afeta o homem. Na sua tríplice estrutura, o corpo encontra-se no exterior. Para Edith, o ser finito se realiza como pessoa na integração harmônica de sua tríplice estrutura. Importante destacar que somente numa atitude analítica podemos distinguir as três dimensões no ser humano, pois são inseparáveis, diferentes potencialidades de um e mesmo ser. Apenas designam possibilidades distintas do ser, uno e indiviso.

Conclui-se na concepção steiniana o uso do termo *pessoa* para exprimir a experiência do eu (ZILES, 2017). O ser humano, na sua antropologia, é uma única substância dotada de três potencialidades, e não um ‘composto’ de corpo, psique e espírito; isto é, alguém com

autonomia e capacidade dinâmica para desenvolver-se livremente e, ao mesmo tempo, relacionar-se com o outro e o mundo, transformando em ‘seu’ mundo.

A substância individual, isto é, a dimensão espiritual, no entanto, não é coisa e sim alguém, sujeito vivo, cujo núcleo fundamental, identifica o conjunto de elementos singulares do todo, reúne os atos particulares da unidade, desenvolvimento e destino que envolve a pessoa. Como diz Stein, citada por Ziles (2017, p. 393), “graças ao espírito, a pessoa tem consciência de si mesma como dos demais”.

Dizer que o ser humano é pessoa significa que é livre para criar a si e seu mundo pela força e intenção do espírito, é sujeito consciente de si. Seu centro espiritual dá-lhe possibilidade de abrir-se para além de si, para o outro, e na experiência do encontro, constitui-se e forma-se. Essa abertura, liberdade e consciência essencial do espírito, confere-lhe experiências específicas dentre os demais seres vivos, inclusive, a possibilidade de sofrer.

1.3 O fenômeno do sofrimento

A compreensão do homem enquanto pessoa, cujas dimensões o diferencia dos demais seres, implica a consciência de sua finitude e a responsabilidade perante a sua existência. Isso significa dizer que a angústia da morte e do sofrimento não interrompe a sua capacidade de decidir e de enxergar sentido diante das melhores situações ou mesmo das piores condições de sofrimento.

O sofrimento é um momento vivenciado pelo homem, somente. Mesmo diante da melancolia, da culpa, da morte, entendemos que somente o homem realiza o sofrimento, ou seja, consegue visualizar o “sentido do sofrimento”. Esta capacidade, inerente à espécie do *homo patiens* (aquele que sofre), só é possível através da sua consciência intuitiva (*gewissen*), que transcende o produto de uma ocasião externa, fisiológica ou social, como sustenta a compreensão frankliana (FRANKL, 1973). Desta forma, o homem, somente ele, é capaz de experimentar e transcender o sofrimento existencial.

Ainda pontuamos que o sofrimento é tão inerente ao humano – como já definiu Jaspers (1979) – que eventualmente o não-sofrer pode ser uma doença. Ademais, o doente enquanto sofredor está de alguma forma acima dos seus iguais, que em nada podem lhe alterar a situação de sofrimento, senão o próprio, que, “puxado” pelos valores de atitude, pode modificar o significado de toda e qualquer situação trágica (FRANKL, 1973).

Neste sentido, a fenomenologia existencial de Martin Heidegger (1889-1976) contribui para a compreensão de que a existência é essencialmente transcendência. Tal compreensão de

existência, finita, é acompanhada pela angústia “essencial” ao homem; a angústia heideggeriana consiste em “uma situação emotiva capaz de manter aberta a mais contínua e radical ameaça que sai do ser mais íntimo e isolado do homem” (HEIDEGGER, apud XAUSA 2011). A aproximação com o conceito heideggeriano ainda reflete sobre o “tempo” na condição de sentido do ser, sendo o seu significado último a pergunta sobre o que o ser procura descobrir.

A angústia, tal como é apresentada em *Ser e tempo*, é marcada por duas características fundamentais. Em primeiro lugar, o sofrimento provocado pela angústia não é uma disposição afetiva entre outras, mas a disposição afetiva fundamental (...). A angústia é a expressão de um ente a partir daquilo que Heidegger chama de *Geworfenheit*, de encontrar-se já sempre lançado num mundo que é essencialmente estranho, desconfortável, perturbador, inquietante e até mesmo hostil. (FRANCO DE SÁ, 2016)

Na concepção steiniana o sofrimento não é o fim em si mesmo, mas pode assumir caráter redentor, quando faz a alma caminhar num processo de interiorização a caminho da plena liberdade. No pensamento steiniano, o homem é livre somente em seu íntimo e para isto precisa sair da superficialidade dos sentidos e aprofundar-se na verdade. Cada modalidade (ocasião) de sofrimento torna a alma mais sábia e experiente. No sofrimento, inclusive, são exercidas e adquiridas as virtudes.

É possível, portanto, fazer do sofrimento o objetivo de uma intenção, mas para isso, a pessoa terá de transcendê-lo, isto é, é possível atribuir sentido ao sofrimento ao sofrer por alguém, por amor a uma pessoa, a uma causa, a um ideal, ao sofrer em vista da vida (de si mesmo, ou de outrem) que se sobrepõe àquela ocasião de sofrimento.

O sentido antropológico-filosófico do sofrimento também na visão steiniana, quando orientados na fé (revelação) e no amor (práxis) para um fim, é que se chega a um sentido (para ela, a redenção). Para Stein, a fé é a realização mais alta, ou antes, mais íntima do ser humano sendo inacessível à razão. Em sua vida, Stein verificou a verdade desta concepção pela realização da mesma, testemunhada na práxis até sua extrema coerência, quando se juntou ao seu povo no campo de extermínio em *Auschwitz*, onde foram assassinados.

Valendo-se também do método fenomenológico, Stein nos lembra que o fenômeno do sofrimento se mostra ao ser humano de forma inegável, e cabe a cada pessoa, capaz de refletir, responder diante dessas situações de dor, pois é próprio da estrutura humana chegar neste nível de percepção.

A filósofa dialoga com a fenomenologia de Husserl e o pensamento de Tomás de Aquino, como citado no tópico anterior. Esta iniciativa causa surpresa no círculo de filósofos

da época pois não se cogitava aplicar a fenomenologia a temas que não estariam diretamente relacionados com a epistemologia científica tais como a vida mística. Ademais, a experiência sempre foi um recurso utilizado para exprimir aquilo que se manifesta, na teoria steiniana, para estabelecer as relações entre o vivido e o encontro com o outro, mostrando as suas particularidades, as suas diferenças. Em sua fase religiosa, Stein se inspirou em Teresa de Ávila e São João Batista da Cruz para clarificar a experiência mística e seus símbolos. (Cf. PALHARES, 2016)

Recorrendo a uma linguagem simbólica⁶, Stein trata da noite como “algo concreto que indica um sentido [do sofrimento] que lhe está além do nível sensível” (STEIN, 2014, p.41). O simbolismo da noite é de fundamental importância na medida em que representa a concepção steiniana sobre o sofrimento humano. Em um contexto cristão, antes de chegar a usar o termo “noite”, passa pela explicação de um sinal de sofrimento que é a cruz, não por determinação natural, mas como objeto condicionado pela história:

(...) entre a cruz e o sofrimento não há semelhança imediatamente perceptível; entretanto, a significativa relação entre ambos não é arbitrária, como instrumento, a cruz desempenhou na história um papel de incomparável alcance, como o sabem todos que vivem em ambiente cultural cristão. Por esse motivo, a cruz conduz o espírito, em virtude de sua forma concreta, à plenitude do sentido que a ela se liga. (...). Assim podemos com razão chamá-la de *insígnia*. (STEIN, 2014, p.41)

Portanto, a distância tensa e fecunda entre o “ser” e o “dever ser” pode vir a ser transcorrida pela vivência do sofrimento.

2. RELATOS DE EXPERIÊNCIA

2.1 Espaço e procedimentos metodológicos

A instituição onde as atividades terapêuticas foram realizadas, no período de 05 de abril a 05 de setembro de 2018, Casa de Apoio Irmãos Samaritanos da Misericórdia Social – ISMI SOCIAL⁷ -, está localizada no bairro das Malvinas, em Campina Grande, segunda maior cidade da Paraíba, próximo ao Hospital de Emergência e Trauma Dom Luiz Gonzaga, a quem presta prioritária assistência. O hospital é referência em trauma para 203 municípios da

⁶ O símbolo para Stein, tem sentido vasto, e pode “designar tudo quanto for conhecido pela experiência natural e insinuar algo de desconhecido – e talvez não experimentável pelo conhecimento natural” (STEIN, 2014, p. 40).

⁷ O responsável pela Casa de Apoio autorizou a divulgação do nome e localização da Instituição (TCLE em anexo), enquanto a identificação dos participantes dos grupos foi preservada.

Paraíba, além de alguns municípios do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará (PARAÍBA, 2018).

A Casa de Apoio ISMI SOCIAL conforme a Tipificação Nacional dos Serviços Sócio-Assistenciais, e Padrões Normativos que regulam a Política de Assistência Social, difere-se das instituições de apoio e acolhimento - Casas de Apoio SUS e Casas de Passagem SUAS – (BRASIL, 2014), por não contar com profissionais para receber esses indivíduos e por seu público alvo ser os acompanhantes, assemelhando-se na preocupação com o bem-estar social dos indivíduos que necessitam do acolhimento e pela estrutura do ambiente oferecido, com condições de moradia, higiene, salubridade, segurança, acessibilidade e privacidade.

A instituição de cunho filantrópico promove o acolhimento de pessoas em situação de afastamento da sua cidade de origem e do convívio familiar. Tal deslocamento se dá devido à necessidade de atendimento médico hospitalar de parentes, em situação grave ou gravíssima – hospitalizados em Unidade de Terapia Intensiva (UTI), condição em que não é permitida presença de acompanhante. Esses acompanhantes, portanto, encontram-se, comumente, desabrigados, em uma situação de fragilidade em diversas dimensões.

A organização da referida Casa de Apoio se dá de forma participativa, promovendo a responsabilização das pessoas acolhidas pelas tarefas do cotidiano, como faxina, cozimento das refeições, lavagem de suas roupas. Quanto à manutenção da casa, é totalmente advinda de doações de benfeitores, caracterizada, portanto, como uma instituição filantrópica sustentada por ações voluntárias. As pessoas acolhidas na Casa de Apoio são de cidades vizinhas, e de baixa condição financeira, sendo inviável custear uma hospedagem convencional na cidade. Permanecem na casa por período indeterminado, durante os dias em que o paciente permanecer internado na UTI, sendo que o acompanhante vai ao hospital diariamente, visto que a visita acontece uma vez ao dia, normalmente das 15 às 16 horas.

O meu primeiro contato com a Casa de Apoio foi durante um projeto de extensão realizado entre os semestres de 2015.1 e 2016.2, como exigência de avaliação da disciplina Extensão - do qual participaram dez alunos e três professoras durante os períodos -, direcionado à sala de espera do hospital cuja instituição se localiza próxima. Os acompanhantes que participavam das intervenções de tal projeto referenciavam a referida casa, e por um período em que as atividades de extensão foram suspensas no hospital, finalizamos o cronograma previsto para o projeto já na sede da Casa de apoio ISMI SOCIAL.

Após o término do projeto, e com a impossibilidade de prosseguimento do mesmo, no ano de 2018, de modo voluntário, como se dão todos os serviços prestados à Casa de Apoio,

retomamos o contato, e propomos oferecer um espaço de suporte psicológico aos acompanhantes acolhidos; denominando esse serviço de grupo terapêutico comunitário⁸.

Em relação aos procedimentos de coleta dos dados, foram apreendidos discursos dos usuários a partir dos encontros semanais, com duração de 1h e 30min no turno da manhã, para o qual todos os acompanhantes eram convidados a participar. Como é característica da casa a rotatividade e imprevisibilidade quanto ao tempo de estadia, contamos sempre com novos participantes em todos os encontros, e, como em sua maioria a estadia é breve, grande parte dos usuários participou apenas de dois encontros de terapia comunitária.

Os usuários da Casa de Apoio eram homens e mulheres, jovens, adultos e idosos, que em sua maioria, foram surpreendidos por uma fatalidade na família – a maioria dos casos, vítimas de acidentes automobilísticos - e se dispuseram a acompanhar seus parentes sem que tenham condições financeiras para isso. A própria hospitalização em quadro grave ou gravíssimo, é geradora de sofrimento, sendo comum entre eles sentimentos como angústia, fragilidade/vulnerabilidade, ansiedade e irritação/estresse bem como a instabilidade de humor. Além destes tipos de sofrimento psíquico, percebemos modos diversos deles lidarem com o fenômeno da morte de seus parentes. Como sugere Stein (2014) o sofrimento é noite, que na existência é vencida pelo nascer de “novos dias”.

Nesses encontros, contamos com a parceria de dois colegas psicólogos, Théo Torres e Karla Weruska, que se dispuseram à riqueza desse trabalho voluntário. Não obstante, foram selecionadas três dias de grupo comunitário.

No que se refere aos procedimentos de análise, a partir das discussões e resultados, faremos uma correlação entre os discursos apresentados dos usuários da referida Casa de Apoio ISMI SOCIAL e os pressupostos teóricos-fenomenológicos de Edith Stein, apresentados na primeira parte deste trabalho.

2.2 Discursos dos acompanhantes

RELATO I: 05.04.2018

Mediadores: Théo e Maria Luiza

Participante: D (20 anos).

⁸ O termo não tem relação direta com qualquer fundamentação teórica/estrutural. Apesar de ser do conhecimento da autora a existência de “grupos comunitários em saúde mental” que acontecem na FMRS-USP, promovendo um exercício continuado de atenção à vida cotidiana. Informações do site: <http://grupocomunitario.com.br/index.php>.

Nesta manhã fizemos uma visita institucional, com o intuito de acordar dia e horários para as atividades. Na ocasião realizamos a partir de uma conversa informal, uma escuta com a jovem D. que reside em São Paulo e está em Campina Grande acompanhando seu pai que descobrira um problema chamado hidrocefalia de pressão normal (HPN), tardiamente diagnosticado, e se encontra em estado grave na UTI. Há mais de 10 anos D. não via seu pai.

O discurso de D. era imerso de sofrimento pela vivência da enfermidade do seu pai, que a fez deixar suas atividades cotidianas em SP, e todos os dias, nos 50 minutos de visita – à duração de uma hora, quando é subtraído alguns minutos de orientação do hospital para os acompanhantes - tenta reunir forças para transmitir ao seu pai. Conta que é muito pesado suportar sozinha, visto que toda sua família continua morando em SP e esse papel de acompanhante só poderia ser desempenhado por ela.

Em lágrimas, D. dizia “eu não sabia que podia ser tão forte; nossa, é muito difícil estar aqui sozinha só esperando ‘a hora’, esperando uma notícia que pode ser ruim, mas pode ser boa”. Desabafou, “eu não sei até quando vou aguentar”.

Em seguida D. remete ao suporte dos demais moradores da Casa de Apoio que, da mesma forma esperam e acabam aliviando um pouco do seu sofrimento ”dividindo” suas vivências. Contou, ainda que pensa muito no momento que vai voltar para sua casa, e diz que está aprendendo a valorizar a vida realmente. Apesar de remeter mais de uma vez que não sabe até quando vai aguentar, fala que quando voltar vai dar mais valor às coisas que tem, as amizades e a família “porque a gente nunca sabe o que pode acontecer”. Em seguida, diz que “eu sei que ele pudesse falar, ou continuar vivo ele vai me pedir pra continuar a estudar, para ter um trabalho e seguir minha vida. Eu fico pensando nisso para tocar minha vida depois que voltar”.

A escuta teve a duração de 40 minutos, e nos atingiu com uma forte carga emocional. Os olhos de D. expressavam intensa vivência enquanto relatava para nós como se sentia, e, enquanto as lágrimas lavavam seu rosto, tímidos sorrisos surgiam quando ela se referia aos momentos de visita: “quando eu chego lá pra ver ele, ele tá dormindo, eu fico alisando o rostinho dele, dizendo que eu amo, e que eu tô aqui. Não é fácil não, eu saio arrasada“, e continua “porque eu não tive oportunidade de conviver muito com ele, e tô tendo agora, que ele tá assim”. A realidade diagnosticada em seu pai teve alguns agravantes como o avanço do problema e sua idade, quando já não dá sinais de resistência há alguns dias. Percebemos que esta imprevisibilidade a devora.

Finalizamos o momento com palavras de esperança, afinal, ela estava tendo a oportunidade de amá-lo, e de realizar o que seria mais importante para sua vida hoje. Também reiteramos sua projeção para o futuro, e pontuamos a fortaleza que demonstra.

RELATO II: 12.04.2018

Mediadores: Théó e Maria Luiza

12 Participantes: V. (34), M.N. (25), M.P. (42), M.D. (27), M.E. (38), G. (29), L. (40), A. (37), E.D. (49), E.O. (45), R. (60) e M. (18).

Após apresentação e acolhimento, propiciando uma atmosfera que favorecesse a expressão do sofrimento vivenciado, sugerimos que cada um enchesse um balão de ar, pensando no que lhe tem afligido, tem feito sofrer, e assoprando, colocassem tudo dentro do balão. E em seguida, orientamos que fizessem com o balão o que quisessem, soltar, estourar, enfim. Oferecemos então um segundo balão, em que pedimos que enquanto enchiam pensassem na esperança que eles têm sobre os sofrimentos que estão vivenciando.

Parar e pensar além do presente no qual vivenciam sofrimento já despertou nos participantes considerável alívio, o que percebemos a partir dos seus discursos. Após essa dinâmica pedimos para que cada um se apresentando, partilhasse com o grupo o que havia colocado no segundo balão, que seguravam durante a apresentação. Com isso, intencionamos fazer presente os pensamentos positivos, muitas vezes sufocados pelos acontecimentos negativos que são predominantes na situação que se encontram.

Como dinâmica principal usamos a técnica da terapia comunitária onde pedimos para que cada um respondesse à pergunta “qual seu aperreio hoje? ”, para que de forma sucinta trouxessem suas preocupações. Em seguida, fizemos uma votação para o aperreio que representava todo o grupo, e o aperreio eleito foi o da G., que está com seu marido hospitalizado, há 48 horas, em estado grave à espera de uma cirurgia.

A G. é de uma cidade vizinha, e tem uma filha de 08 anos que ficou com a avó, enquanto acompanha seu marido, que sofreu uma tentativa de homicídio. Ela traz que seu aperreio se intensifica pelo fato da ameaça de morte sofrida por ele, desde que tentou apartar uma briga que ocasionou a morte do seu vizinho, e desde então a família enlutada o havia ameaçado. Hoje ela teme pela saúde dele, e também pela sua segurança mesmo após a recuperação. Incentivamos, logo após, que os demais participantes partilhassem de experiências parecidas no intuito de ajudar a G. e vislumbrar saídas para o seu aperreio. Todo o grupo demonstrou significativo empenho e empatia pelo sofrimento trazido, de modo que,

outra acompanhante presente no grupo, a M.E. relatou uma situação semelhante onde seu irmão foi ameaçado por um primo e toda a família ficou temerosa, a situação também gerou discórdia e divisões na família, o que foi de grande preocupação para M.E., disse que chorava todos os dias e “só pedia a Deus que tudo isso passasse”, até que outras pessoas se envolveram no conflito, com a intenção de apaziguar e isso aconteceu, os primos se distanciaram e hoje vivem em paz. A situação de sofrimento de M.E. se aproximava da de G, e seu relato foi grande valor para todo o grupo, pois ela ao mesmo tempo que recordava a dor que lhe causou essa situação, falava tranquila por já tê-la superado.

Para encerramento, propomos que num cartão de papel escrevessem algo que gostaria de ouvir. Foram unânimes os votos de saúde para os seus familiares. Depois de escreverem, sugerimos que dessem uns aos outros esses papéis, de modo que cada um foi “presenteado” com um cartão de bons votos. Após isso, os discursos foram ficando menos negativos no decorrer do encontro, e eles trouxeram, foi significativa a atividade realizada pois “descobrem” uns aos outros, ouvindo, passam a conhecer mais as pessoas com quem convivem.

Dentre os participantes, a S. chamou atenção por estar acompanhando seu vizinho, idoso. De uma cidade no interior da Paraíba, deixou seus dois filhos de 8 e 11 anos com a esposa desse vizinho que por ser idosa, não teve condições de viajar para acompanhá-lo e pediu sua ajuda. Também o caso do R. que passou pela casa de apoio enquanto acompanhava sua esposa, que veio a falecer, e havia retornado para visitar o M., que está na Casa de Apoio há um ano com seu filho hospitalizado, e nesse dia havia recebido notícias de piora do mesmo. R. sempre que questionado se mostrava muito preocupado com a situação do filho do amigo. M. se recusou a participar do encontro, mas observamos que após o encontro, R. levou o balão de pensamento positivos para M., o que nos leva a perceber que a seu modo todos são beneficiados por esse momento terapêutico.

RELATO III: 05.09.2018

Mediadora: Maria Luiza

09 Participantes: S.A.(35), E.O.(50), S.(62), E.(38), E.A.(39), B.(47), V.(58), D.(38), A.(29), F.(55).

Iniciamos o encontro sugerindo que cada um se apresentasse e falasse um pouco sobre como se sentia. Enfatizando que o espaço era deles, e que podiam usar para se expressar livremente, foi possível notar comentários dos participantes que permaneceram desde a última

semana, de incentivo para o envolvimento dos demais na atividade proposta. “É muito bom esse momento pra gente, é bom pra você, venha que você tá precisando desabafar um pouco”, disse um acompanhante se dirigindo a outro que se encontrava “desaminado”.

Então, dentre as apresentações, a senhora D. que estava no último encontro, disse que sua filha, que é especial, e está hospitalizada há mais de 30 dias, teve uma piora no seu quadro clínico, e mesmo sentindo muito medo, a todo momento, de receber uma má notícia, ressalta: “eu considero todos aqui”, e apontando para duas irmãs que estão no grupo, “mas essas aqui, são como irmãs pra mim, a gente tá no mesmo quarto, e elas estão me dando muita força, e eu tenho fé que vamos sair dessa, tanto eu como elas, com o pai delas que tá no hospital”.

S., uma senhora que está acompanhando seu irmão vítima de acidente de moto, e já teve morte encefálica, traz o estado do seu irmão sem parecer compreender a inversibilidade do seu quadro, mas entre lágrimas, diz que o ama, e que vai permanecer ali o tempo necessário para o seu cuidado. Disse: “eu já vivi isso, vim pra qui com meu pai e só voltei pra casa com ele, ele morreu, mas eu só voltei junto com ele. Por isso eu já entreguei a vida do meu irmão nas mãos de Deus, ninguém morre se Ele não quiser, e Ele sabe o que é melhor”, demonstrando certa conformação com a situação. Após a apresentação de todos, tendo esses dois discursos se destacado, iniciamos a dinâmica principal.

Sugeri que fechassem os olhos e tentassem imaginar a história que eu iria ler para eles, e narrei a fábula *Ostra feliz não faz pérola*, adaptada (anexo A). Após terminar, os questioneei, se o momento de sofrimento que os reuniu naquele lugar, não se assemelharia com o grão de areia que doía na ostra, e se da mesma forma da ostra, o grão de areia fizera produzir uma pérola, o sofrimento atual também não estaria permitindo a eles fatores positivos. Para ser mais concreta pedi para que eles tentassem pensar, para compartilhar, algum sentimento bom que vivenciaram na casa de apoio, ou até aprendizado que estivera sendo possível.

A senhora V. logo confirmou a vivência de amizade, dizendo: “a união!” com voz intensa, viva, “eu fiz uma amizade verdadeira aqui, a gente se conheceu num momento de dor, e parece que a gente é da mesma família, eu não quero perder o contato com elas depois. A gente vai continuar amigas e isso é uma coisa boa que eu vou levar daqui.” A essa fala todos reagiram positivamente, e exemplificaram atitudes de solidariedade e companheirismo desde a chegada na casa, nos horários de visitas, nas informações recebidas sobre os pacientes, e na convivência entre os acompanhantes como um todo.

O senhor F. falou reflexivo, mas com voz firme: “a fé, que é a única coisa que a gente tem nessa hora, eu acredito que Deus não abandona a gente e essa é uma hora da gente lembrar disso”. Já o senhor E. falou sobre sua família biológica: “eu sempre disse ao meu

irmão, esse que está na UTI que ele parasse de beber e andar naquela moto porque senão eu não ia nem ligar se alguma coisa acontecesse com ele. E agora que aconteceu eu sou o que desde o momento do acidente mais estou com ele, e também já avisei lá que eu não vou voltar sem ele. Nesses momentos de dor a família se une, eu tô podendo cuidar do meu irmão. Não é do jeito que eu queria, mas ele tá vendo que pode contar comigo. E a família toda se une num momento desse, isso é uma coisa boa. ”

Dessa forma transcorreram os 40 minutos de dinâmica, e foram no todo, ressaltados os pontos comuns de fé (confiança em Deus), solidariedade, amizade e união entre os moradores da Casa de Apoio, e ainda o fato de conhecer pessoas como o responsável pela Casa de Apoio. “Isso renova a esperança da gente”, F. falou, “a gente sai daqui querendo ajudar os outros, porque a gente ver como uma pessoa boa pode fazer a diferença”. Concluímos com a seguinte elaboração: apesar da vivência do sofrimento que eles não podem mudar, que é a hospitalização dos seus familiares, eles podem pensar e fortalecer, sempre, fatores positivos, dando mais espaço dentro de si mesmo para o que é bom segundo a experiência de cada um. Foram distribuídas bolas de assopro, e enquanto as enchiam, sugeri que colocassem nelas algo de bom, como já haviam colocado para o grupo, cada um escolheu algo positivo e real daquele momento e encheu as bolas, coloridas, sendo possível com isso, mudar um pouco da aparência daquele lugar, da atmosfera de tristeza, ansiedade e desânimo. Usamos as bolas como metáfora para o “dar espaço em si mesmo para as coisas boas”. E tendo enchido as bolas, perguntei se gostariam de presentear uns aos outros com aqueles bons sentimentos que havia nelas, ao que responderam sim. Assim, encerramos o encontro.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A noite cósmica, como é chamada por Edith, referindo-se ao fenômeno natural, é a metáfora para a compreensão do fenômeno do sofrimento enquanto inevitável, bem próximo do natural à vida do homem. Como na situação em que se encontram os acompanhantes que participaram dos grupos terapêuticos, vivenciam dias de nebulosa sensibilidade dentro de uma rotina estranha, ao mesmo tempo que comum. Semelhante ao que acontece nas ocasiões em que, na claridade do dia, os sentidos alcançam e conduzem os gestos e afazeres, o sofrimento desacomoda os sentidos, e as pessoas se sentem como que desnorteadas, desafiadas a enxergarem o seu redor com outros contornos:

[A noite] envolve em seu manto todas as coisas e a nós mesmos. Assim como a luz realça as coisas e suas propriedades visíveis, assim a noite as absorve, ameaçando absorver também a nós. (...) A própria noite é como se fosse sombra ou fantasma, e por isso mesmo, ameaçador. (STEIN, 20114, p. 41).

O termo ameaçador, empregado por Stein, sinaliza a compreensão do sentimento de medo que se apresenta recorrentemente no discurso dos acompanhantes; a existência em sua continuidade transcorrida como planejado, é ameaçada. Nos casos citados, os pensamentos de morte do familiar hospitalizado, explícitos ou não, nos encontros de terapia, não atinge somente exteriormente a pessoa, como simples finitude do outro, mas aproxima a finitude da relação que se tem com ele, e com isso a possibilidade de ser – está incluso aqui as coisas e suas propriedades visíveis em função do papel que se exerce em função do outro, nesses casos, ameaçada.

O discurso da senhora D. (relato III) que acompanhava sua filha, da senhora G. (relato II), que acompanhava seu esposo, e da senhora S (relato II), que acompanhava seu vizinho, remete à proximidade da noite para com a existência, como um fenômeno natural, a escuridão surge, seguramente, no intervalo dos dias; o motivo pelo qual estão deslocadas de suas casas em intensa preocupação e temor; são entes de suas convivências, que envolvidos em situações cotidianas acabaram por ser vítimas da fatalidade que os levava à hospitalização. A essa proximidade Edith se refere: [a noite] “está muito mais próxima de nós do que todas as outras coisas e figuras, e muito mais ligada à nossa existência do que se possa pensar” (STEIN, 2014, p. 40), pois o fato do ser humano “ser” em função de sua abertura lhe expõe a possibilidade da noite, do medo, do sofrimento. E embora não tenha nenhum deles planejado a estadia na Casa de Apoio, pois se tratam de internações emergenciais, o senhor E. (Relato III), que acompanha o seu irmão, disse “eu sou o que desde o momento do acidente mais estou com ele, e também já avisei lá que eu não vou voltar sem ele”. Trata-se de um exemplo da afetação que a noite gera na pessoa, ainda que experienciando a ameaça gerada pela ocasião, prefere enfrentar e aceitar o convite que a vida lhe fez, à recusar o desafio, como que conduzido pelo conhecimento interior do seu chamado. Sobre isto, diz Stein “E nossa própria existência não só se sente ameaçada pelos perigos exteriores que se escondem nas sombras da noite, mas sente-se também intimamente atingida pelo caráter da própria noite” (STEIN, 2014, p. 40).

O relato da jovem D. que acompanha seu pai que há mais de dez anos, quando diz “nossa, é muito difícil estar aqui sozinha só esperando ‘a hora’” e “eu não sei até quando vou aguentar”, demonstra a fragilidade experimentada não somente por ela, mas compartilhada entre todos em situações de semelhante sofrimento. No entanto, ao mesmo tempo que o

sofrimento, “nos tolhe o uso dos sentidos, paralisa nossos movimentos, nossas energias; coloca-nos numa espécie de solidão e faz-nos como sombras e fantasmas; é como experimentar a morte”, diz Stein que, “isso tudo tem significado não somente para a natureza vital, mas também para a psíquica e espiritual” (STEIN, 2014, p. 40).

Antes, porém de indagar sobre o motivo pelo qual a noite em sentido figurado provoca no ser humano efeitos semelhantes aos da noite cósmica, Edith desperta para a diversidade positiva, vital, que da mesma compreensão nasce. O sofrimento cede lugar de fenômeno estéril, e oferece o terreno onde podemos ver nascer diversas espécies de vida, frágeis ou robustas:

“(…) Além das noites escuras e amedrontadoras, há noites cujo encanto do luar é um banho de luz amena, suave. Essa noite enluarada não absorve as coisas, mas as faz sobressair à luz noturna.” (STEIN, 2014, p. 41). Como se o sofrimento oferecesse uma outra luz, que culmina em cores novas, desconhecidas, mas igualmente belas às que já se é habituado. O cotidiano na Casa de Apoio se difere da rotina que cada um daqueles acompanhantes tem em suas casas, no convívio com os demais familiares, como citam as senhoras G. (relato II) e V. (relato III) recordando dos filhos que estão em casa. E imersos na vida com um ambiente e situação desconhecidos, organizam-se adequando às necessidades do momento. Às mulheres, fica reservado a tarefa de preparar as refeições e a faxina da casa mãe, enquanto os homens se intercalam entre a faxina da casa masculina, a lavagem de suas próprias roupas bem como demonstram interações para jogos, como dominó e baralho; essas tarefas ocorrem diariamente pela manhã, onde, após o almoço, todos se organizam para as visitas, e os mais antigos na casa, por já saberem como devem se dirigir, encarregam-se de orientar os recém chegados no horário da visita; já no retorno, eles comentam o que uns perguntam aos outros, apesar de pela expressão que cada um volta, já é possível imaginar. A casa tem um ritmo e uma atmosfera própria, constituída por contribuição de cada acompanhante acolhido.

A convivência comunitária, presente em vários visitantes que se dirigia à Casa de Apoio, foi perceptível em inúmeras vezes nos discursos acima transcritos, tal como o da senhora V (relato III): “eu fiz uma amizade verdadeira aqui, a gente se conheceu num momento de dor, aqui, mais parece que a gente é da mesma família, eu não quero perder o contato com elas depois. A gente vai continuar amigas e isso é uma coisa boa que eu vou levar daqui”, e da senhora D. (relato III): “mas essas aqui, são como irmãs pra mim, a gente tá no mesmo quarto, e elas estão me dando muita força, e eu tenho fé que vamos sair dessa, tanto eu como elas, com o pai delas que tá no hospital”. Sobre esta convivência, Edith as vê

como uma troca interpessoal, que é possível através de uma vivência denominada empatia, (apud CARNEIRO, 2016), a partir de uma vivência intuitiva que acontece juntamente com a nossa capacidade de percepção. Todos na casa convivem com situações dolorosas, diagnósticos duros ou expectativas sufocantes em comum; a situação, no entanto, faz surgir laços de comprometimento uns com os outros, não somente durante as vivências propostas na terapia. Sobre os laços surgidos na situação de fragilidade, traz uma máxima steiniana: “as relações comunitárias nascem de motivações de ordem espiritual nas relações intersubjetivas, na família e nos diversos grupos. São comunitárias na medida em que se dão entre ‘pessoas’” (ALES BELLO, 2017, p. 55). O sofrimento parece, portanto, permitir que se revele o propriamente humano no caso dos acompanhantes, onde despertados pela dor do outro, tecem relações comunitárias, tal como a experiência da senhora S. (relato II) que está acompanhando seu vizinho, sem ter sequer laços de familiaridade, e para isso deixou seus filhos aos cuidados da esposa do idoso que acompanha; também na experiência do senhor R. (relato II), que tendo passado pela Casa de Apoio, por uma situação já superada, voltou para visitar o M. – que permaneceu na casa por um ano acompanhando seu filho -, que conheceu durante a estadia.

Stein, continua, acerca da luz oferecida pelo sofrimento, seguindo com a linguagem figurada da noite:

A essa luz, os contornos dos objetos perdem as arestas salientes, marcadas e duras; tudo torna-se mais brando e suave; revelam-se traços característicos que nunca aparecem à claridade da luz do dia. Também ouvem-se vozes que o excessivo ruído diurno costuma abafar (2014, p. 41).

Essas novidades existenciais permitidas pelo sofrimento, foram sendo expostas em diferentes formatos e percebidos como sentidos que cada pessoa vivencia nas circunstâncias que lhe é própria e inevitável:

Sobre contornos mais brandos e suaves, o senhor E. (relato III) relatou: “Nesses momentos de dor a família se une, eu tô podendo cuidar do meu irmão. Não é do jeito que eu queria, mas ele tá vendo que pode contar comigo e a família toda se une num momento desse, isso é uma coisa boa. ” As relações familiares sempre que citadas nos encontros, ocupam lugar significativo na vivência dos acompanhantes, apesar de entrarem em contato apenas por ligações e mensagens de texto, remetem à experiência de conforto, experienciando de uma forma nova o suporte, e até mesmo a lembrança saudosa dos laços vividos.

Sobre os traços que nunca aparecem à claridade do dia, o exemplo de dois acompanhantes. No relato I da jovem D. “eu não sabia que podia ser tão forte”, comentando

da oportunidade de acompanhar seu pai, demonstrar o cuidado, e se fazer presente na vida dele, bem como tê-lo presente em sua vida o que não acontecia a mais de dez anos; ela comenta ainda sobre os momentos de visitas: “eu fico alisando o rostinho dele, dizendo que eu amo, e que eu tô aqui. Não é fácil não, eu saio arrasada, porque eu não tive oportunidade de conviver muito com ele, e tô tendo agora, que ele tá assim”, a hospitalização apesar de não provocar, diretamente, a situação idealizada de aproximação entre pai e filha, é circunstância real que D. vive, e para além da ameaça que representa, pode também ser vivenciada como oportunidade de expressar o que anteriormente se guardou, e dizer o que anteriormente silenciou, e desfrutar de uma relação filial/paterna onde seu pai precisa de seus cuidados. Segundo ela, ele poderia estar passando por esse período sem a sua presença, entretanto, o simples fato de poder se fazer presente se revela com grande valor; D. ainda, apesar de cansada refaz-se projetando-se para o futuro em que pretende valorizar mais as relações e as pessoas, o que não seria ocasionado pela continuidade de sua rotina. No relato II, o senhor F. sobre a redescoberta de sua fé, tanto para si, diante seus medos e inquietações, como contribuição que oferece para o grupo, para os amigos que fez na Casa de Apoio, “a fé, que é a única coisa que a gente tem nessa hora, eu acredito que Deus não abandona a gente e essa é uma hora da gente lembrar disso”, uma experiência semelhante a da senhora S. (relato III) que disse sobre a notícia de morte encefálica de seu irmão “por isso eu já entreguei a vida do meu irmão nas mãos de Deus, ninguém morre se Ele não quiser, e Ele sabe o que é melhor”, que apesar de poder ser um vivência comum do seu cotidiano, nessa situação se evidencia específica, pois se dirige a situação em que o que se espera não está ao alcance de suas decisões, mas decidir depositar sua confiança em quem confia é a decisão que lhe realiza hoje. E sobre as vozes que o excessivo ruído diurno costuma abafar, pode-se ver no discurso seguinte de F. (relato III) sobre ter conhecido a Casa de Apoio, que se trata de um serviço gratuito, que surgiu de uma iniciativa voluntária, tal qual se revela: “isso renova a esperança da gente, a gente sai daqui querendo ajudar os outros, porque a gente ver como uma pessoa boa pode fazer a diferença”. A missão da vida de F. (relato III) parece ter se encontrado com a missão das pessoas que agora lhe ajudam, fazendo com que seja despertado o motivo a que pode direcionar-se, após a resolução do problema de saúde que seu familiar enfrenta hoje.

Além da noite clara, tem também valor a noite escura, que amortece a agitação e ruídos diurnos, trazendo calma e paz. Tudo isso tem repercussão mental e espiritual na alma humana. Existe uma noturna e suave claridade do espírito, em que livre da faina diurna, distendido e recolhido ao mesmo tempo, ele se concentra no profundo sentido do seu ser e da sua existência, do mundo e do sobrenatural (STEIN, 2014, p.41).

A concepção steiniana de pessoa abarca a direção em que se coloca em busca de um sentido, e essa busca se dá pela constituição do ser que é mais do que o conjunto de parte e movido para além de seus instintos. O que significa dizer que a dimensão espiritual das pessoas, em situação de sofrimento, no caso específico dos acompanhantes da Casa de Apoio, distendido e recolhido ao mesmo, expandindo-se em novas descobertas e relações, e comprimindo-se pelas dores e ameaças sofridas, direciona-se ao encontro de um sentido que somente essa ocasião pode proporcionar. As manifestações de realização dos acompanhantes são individuais, únicas, diversas entre si, e se referem às suas próprias existências, ao mundo que conhecem e ao sobrenatural que acreditam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cumprindo a tarefa da fenomenologia, que é o esclarecimento mesmo do pensamento humano, qual alcance o enxerga como atos da consciência que se apresentam ao mundo, Stein elucida concepções claramente vistas nos relatos da terapia comunitária. Entre eles evidenciamos primeiramente a noção de comunidade, constituindo a visão de completude do homem. As relações nas quais ocorrem o ato da empatia, é especificamente humano e resguarda a possibilidade de se sentir útil perante a dor do outro. Sendo um serviço prestado, ou simplesmente a presença, os laços de amizade como são citados nos relatos dos acompanhantes.

Além disto, a própria noção da existência, como se remete ao sofrimento com base nos grifos steinianos, incentiva e oferece condições para o proveito das capacidades especificamente humanas quando se concebe movimentos como o afeto, a entrega, a resiliência, o reconhecimento da coragem e fortaleza existente em si mesmo e a projeção para o futuro, o fortalecimento das relações já existente e novos laços.

É possível, não obstante, vislumbrar diversas posturas e vivências perante o sofrimento que desdobram-se em sentidos, formas diferentes que realizam o homem mesmo esse sofrendo. Por isso não haveremos de defender uma prática baseada na compreensão de que todo sofrimento esconde um único sentido, mas enquanto fenômeno humano, o sofrimento inaugura possibilidades de vivências e descobertas que realiza e plenifica o homem.

Ainda se verifica que o método fenomenológico favorece o encontro rigoroso com a subjetividade, tomando como exemplo os relatos dos usuários da Casa de Apoio ISMI

SOCIAL, a psicologia pode usufruir desses encontros e apoiar-se, diante todo e qualquer atendimento de pessoas em situações de sofrimento, na ideia de que, havendo causas diversas do sofrimento humano, ainda mais diversas são as possibilidades de sentido que tais circunstâncias reservam as pessoas que as experienciam.

A experiência revela a missão do homem, dentro de sua liberdade, de inferir sentido inclusive em meio a circunstâncias que lhe causa dor, confirmando a assertiva steiniana; abrindo horizontes para orientação do trabalho psicológico com pessoas em sofrimento. É possível, enfim, que a atuação do psicólogo, conduza a pessoa que se depara com o sofrimento inevitável, ao mundo de possibilidades de diferentes sentidos, que as noites da existência podem revelar.

MEANINGS OF SUFFERING:

REPORT OF EXPERIENCE IN THE PHENOMOLOGICAL PERSPECTIVE FROM EDITH STEIN

Abstract

As an experience report, this thesis is based on reading and perceiving of a voluntary practice of communitary therapy at "ISMI SOCIAL". This is a supporting house that receives the companions of patients in serious and extremely serious health conditions in treatment at Hospital de Trauma de Campina Grande, in Paraíba. Therefore, this production intends to present the role of the psychologist in the context of eminent suffering from look offered by phenomenology of Edith Stein (1891-1942). That is, a new look at the direct role of the psychologist, as the basis of the phenomenon as he indicates in specific situation and history of each person who experiences the pain. The contributions of Edith Stein, German philosopher and theologian of the 20th century and disciple Husserl, presents a legacy about the ontological understanding, empathy, the process of education, construction of the person and of the community, the meaning of finitude and the human suffering. In psychological science, offers profound reflections about the existence and human suffering. A close correlation with the Logotherapy of Viktor Emil Frankl (1905-1997), the experience of the interlocutors reveals the mission, within your freedom, the quest for the sense even in the midst of circumstances that cause him pain, opening horizons for orientation of psychological work with people in pain.

Keywords: Suffering. Phenomenology. Edith Stein.

REFERÊNCIAS

- BELLO, Angela Ales. Gênese e desenvolvimento da empatia: da criança à comunidade. In.: MAHFOUD, Miguel. SAVIAN, Juvenal Filho. (Orgs.). **Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação**. São Paulo: Paulos, 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- BRUZZONE, Daniele. A “técnica da humanidade” no cuidado e a competência existencial como recurso profissional. In.: OLGA, Oliveiros Lehmann. KROEFF, Paulo. (Orgs) **Finitude e sentido da vida: a logoterapia no embate com a tríade trágica**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.
- CARDOSO, Carolina de Resende Damas. MASSIMI, Marina. Contribuições de Edith Stein para a Fundamentação Filosófica da Psicologia Científica. **Psicologia em Pesquisa** | UFJF | 7(2) | 188-199 | Julho-Dezembro de 2013.
- CARNEIRO, Suzana Filizola Brasiliense, e ANTÚNEZ, Andrés Eduardo Aguirre. Edith Stein e suas contribuições para a psicologia. **Revista Filos.**, Aurora, Curitiba, v. 29, n. 48, p. 778-798, set./dez. 2017.
- CARNEIRO, Suzana Filizola Brasiliense. **A formação humana em contexto de violência: uma compreensão clínica a partir da fenomenologia de Edith Stein**. Tese de Doutorado, apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Psicologia Clínica. São Paulo, 2016.
- CARUZO, Miguel Angelo. A fenomenologia de Husserl no seu blog pessoal. Disponível em: <http://www.psicologiamsn.com/2012/04/fenomenologia-de-husserl.html>. Acessado em setembro de 2018.
- FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo. MATTAR, Cristine Monteiro. A Fenomenologia como Método de Investigação nas Filosofias da Existência e na Psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Vol. 30 n. 4, pp. 441-447. Out-Dez 2014.
- FRANCO DE SÁ, Alexandre. Entre a angústia e a dor: um diálogo entre Martin Heidegger e Ernst Jünger. **Natureza humana**. vol.18 no.1 São Paulo. 2016.
- FRANKL, Viktor Emil. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial**. São Paulo: Quadrante, 1973.
- PARAÍBA, Governo da. Disponível em: <http://paraiba.pb.gov.br/hospital-de-trauma-de-campina-grande-divulga-balanco-de-atendimentos-do-feriado/>. Acesso em setembro de 2018.
- JASPERS, Karl. **Psicopatologia geral** (2.^a ed.). São Paulo: Livraria Atheneu, 1979.
- JOSGRILBERG, Rui de Souza. A FENOMENOLOGIA COMO NOVO PARADIGMA DO EXISTIR. In.: Pokladeck, Danuta Dawidowicz (org.) **A fenomenologia do Cuidar: práticas**

dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional e organizacional. São Paulo: Vetor, 2004.

MAURO, Martins AmatuZZi. Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. **Estudos de Psicologia**, vol. 26, núm. 1, enero-marzo, pp. 93-100 Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil, 2009.

MAHFOUD, Miguel; SAVIAN, Juvenal Filho (orgs.). **Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação.** São Paulo: Paulos, 2017

MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina (orgs.). **Edith Stein e a psicologia – teoria e pesquisa.** 1ª edição. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2013.

PALHARES, Virginia Lima. O simbólico em Edith Stein: uma aproximação com a geograficidade. **Revista Abordagem Gestalt.** vol.22 no.2 Goiânia dez. 2016.

POKLADDECK, Danuta Dawidowicz. Site do Instituto PsicoEthos. Disponível: <http://www.psychoethos.com.br/si/site/0402/p/O%20que%20%C3%A9%20Fenomenologia>. Acessado em setembro de 2018.

ROSA, Gabriel Mauro da Silva; SILVA, Edmar José da Silva. A pessoa humana no pensamento de Edith Stein. **Revista Crátulo**, 8(2): 90-101, dez. 2015.

SANTANA, Luiz. **Edith Stein: a construção do ser pessoa humana.** São Paulo: Ideias & Letras, 2017.

SANTOS, Dalva Loreatto dos; POKLADDEK, Danuta Dawidowicz. A missificação do homem e o destino da humanidade buscando um jeito fenomenológico de conhecer o mundo. In.: Pokladeck, Danuta Dawidowicz (org.) **A fenomenologia do Cuidar: práticas dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional e organizacional.** São Paulo: Vetor, 2004.

SAÚDE MENTAL, Grupo Comunitário. Disponível em: <http://grupocomunitario.com.br/index.php>. Acessado em dezembro de 2018.

SILVA, Nara Helena Lopes Pereira da; CARDOSO, Cármen Lúcia. Contribuições da fenomenologia de Edith Stein para a atuação do psicólogo nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, vol. 16, núm. 2, p. 246-259. Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. São Paulo, Brasil. Junho, 2013.

SILVA, Nara Helena Lopes Pereira da. **Saúde mental na Estratégia Saúde da Família: uma compreensão a partir da fenomenologia de Edith Stein.** Tese de Doutorado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Dep. De Psicologia e Educação. Ribeirão Preto - SP, 2011.

STEIN, Edith Theresa Hedwing. **A ciência da cruz.** D. Beda Kruse (tradução do alemão). São Paulo: Loyola, 2014.

_____. **La estructura de la persona humana.** Madrid: Estudios e ensayos BAC Filosofía e Ciencias, 2007.

XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. **A Psicologia do Sentido da Vida.** Campinas, SP: Vide Editorial, 2011.

ZILES, U. NOTAS SOBRE O CONCEITO DE PSSOA EM DITH STEIN. In.: MAHFOUD, Miguel. SAVIAN, Juvenal Filho (Orgs.). **Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação.** São Paulo: Paulus, 2017.

Anexo A - Adaptação da fábula “Ostra feliz não faz pérola”, de Rubens Alves.

Havia no fundo do mar uma colônia de ostras, que viviam felizes. Sabia-se que eram felizes porque de dentro de suas conchas, saía uma delicada melodia, música aquática, como se fosse um canto gregoriano, todas cantando a mesma música. Com exceção de uma ostra solitária que fazia um solo solitário... Diferente da alegre música aquática, ela cantava um canto muito triste.... As ostras felizes riam dela e diziam: “Ela não sai da sua depressão...” Não era depressão, era dor, era sofrimento pois um grão de areia havia entrado na sua carne e doía, doía, doía e não tinha jeito de se livrar dele, mas era possível livrar-se da dor. O seu corpo sabia que, para se livrar da dor que o grão de areia lhe provocava, em virtude de sua aspereza, arestas e pontas, bastava envolvê-lo com uma substância lisa, brilhante e redonda. Assim, enquanto cantava o seu canto triste, o seu corpo fazia o seu trabalho, por causa da dor que o grão de areia lhe causava.

Um dia passou por ali um pescador com seu barco. Lançou a sua rede e toda a colônia de ostras, inclusive a sofredora, foi pescada. Ele se alegrou, levou-a para casa e sua mulher fez uma deliciosa sopa de ostras. Deliciando-se com as ostras, de repente seus dentes bateram num objeto duro que estava dentro da ostra. Ele tomou-a em suas mãos e deu uma gargalhada de felicidade; era uma linda pérola. Apenas a ostra sofredora fizera uma pérola. Ele tomou a pérola e deu-a de presente para sua esposa que ficou muito feliz... São os que sofrem que produzem a beleza.

Pois bem, acredito que todos estamos passando por esta conhecida fase “ostra”. “Essa fase onde nos fechamos como ostras e junto com os grãos de areia” que nos fazem sentir tanta dor. As situações que cada um de nós vivemos hoje, incomodam, machucam, arranham. São os medos, a ansiedade, a solidão, a saudade, as decepções, as expectativas não atendidas... Enfim, nos fechamos em “ostra” para digerir essa dor mental e sentimental. Um trabalho árduo, em que o nosso organismo vai digerindo aqueles pequenos e tão doídos grãos de areia. Assim como nosso organismo libera toxinas que auxiliam na digestão, nesse processo “ostra” isso também acontece. Através da dor, do incômodo que estes grãos provocam, chega um ponto que temos que optar, ou nem temos opção. Vive-se ou não!

Enfim é chegado o momento! Eis que buscamos dentro da “ostra” sentimentos que estavam adormecidos ou quem sabe até mesmo esquecidos. E estes envolvem os grãos de areia, ainda num processo doloroso, só que o desejo de se redescobrir, abrir a ostra se torna algo imprescindível. O tempo, o desejo e a perseverança se encarregam da transformação dos grãos de areia, e eis que surge o belo. “Para as ostras, a pérola. Para nós, a vida, um novo dia.”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Charlemilson de Sousa Rodrigues como coordenador responsável pela casa, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a autorizar Maria Luiza Tavares Silva, utilizar e divulgar os dados (nome e localização) da Casa de Apoio ISMI Social no trabalho de conclusão de curso em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba. Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos: O trabalho não revelará a identidade dos participantes, e terá como objetivo geral expor e analisar a experiência das vivências de terapia comunitária e relacionar os resultados com a Fenomenologia de Edith Stein; os riscos previstos conforme a Resolução CNS 466/12/ CNS/MS Item V, são: embora mínimos, provêm da possibilidade do(s) participante(s) cair em hiperreflexão acerca do tema do estudo, podendo entrar em contato com sentimentos como ansiedade ou angústia; ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma acadêmica, não comercial, desde que aceito pelo responsável; não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos envolvidos neste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável; qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, poderei contatar a equipe científica no número **(083) 98710 8484** com **MARIA LUIZA TAVARES SILVA**, junto a **CONEP-PLATAFORMA BRASIL** ou com o **pesquisador responsável GILVAN DE MELO SANTOS**, através do número **(083) 987801901**, para ter minhas dúvidas esclarecidas e liberdade de conversar com os pesquisadores a qualquer momento do estudo. Se houver dúvidas em relação aos aspectos éticos ou denúncias o Sr(a) poderei consultar o CEP/UEPB no endereço: Rua das Baraúnas, 351- Complexo Administrativo da Reitoria, 2º andar, sala 229; Bairro do Bodocongó - Campina Grande-PB nos seguintes dias: terça e quarta-feira das 08h00 às 12h00.

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

18. 11 . 2018, Campina Grande - PB.

Assinatura do pesquisador responsável

Charlemilson de Sousa Rodrigues

Assinatura do Participante